

**INSTITUTO TEOLÓGICO SÃO PAULO
INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES
GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
LITERATURA SAPIÊNCIAL**



JÓ

***AMÂNDIO ADOLFO SOKE JOÃO**

***AYOBSSI KAMAGANI VIANNEY
SERAPHIM**

***DAVID JOSEPH JAMA**

***Theophile Niyonsenga**

***Jeovane Motta Boeira**

O G R I T O D O I N O C E N T E

Porf.: Shige Nakanose



INTRODUÇÃO

O Livro de Jó encontra-se entre os Escritos (Ketuvim), a terceira parte da Bíblia Hebraica, e para os cristãos entre os livros poéticos e sábios do Antigo Testamento. O livro de Jó é frequentemente apresentado como uma explicação do mal e do sofrimento. Portanto, não é o caso: o livro não explica, mas observa que o mal existe (chamado de "o adversário"). Mesmo que o homem seja verdadeiramente justo, ele sentirá sofrimento como os outros. Se deixarmos de lado a esposa de Jó (ela aparece no capítulo 2), o livro apresenta cinco personagens sob o olhar de Deus: Jó e seus três amigos (Elifaz, Bildad e Sophar), aos quais se junta um jovem (Elihu). [1] Jó foi apresentado como um homem justo, honesto e reto, que respeita a Deus e faz o bem.[2]

[1] SILVA, J., Job III: História da Interpretação, In: Longman, Tremper; Enns, Pedro. Dicionário do Antigo Testamento: Sabedoria, Poesia e Escritos., EUA, Imprensa InterVarsity, 2008, p.459.

[2] Bullock, C. Hassell, Uma Introdução aos Livros Poéticos do Antigo Testamento, EUA, Editora Moody, pág. 32.



INTRODUÇÃO

O livro de Jó é escrito quase inteiramente em linguagem poética, com prólogo e epílogo em prosa. É frequentemente classificada como literatura de sabedoria. Uma das qualidades mais excepcionais do livro é que ele faz duas perguntas difíceis: "Por que os justos escolhem a justiça?" e "Por que os justos sofrem?", mas não dá uma resposta simples. É importante notar que o livro de Jó está dividido em três partes de comprimento muito desigual.

O primeiro, o prólogo (capítulos 1 e 2), explica a situação e coloca o leitor em condições de compreender os discursos que se seguirão: Jó, a quem o próprio Deus declara perfeitamente justo, é acusado por Satanás de só o ser por interesse. Deus permite que Satanás teste seu servo. Uma primeira série de males não conseguiu abalar a piedade de Jó, Satanás está autorizado a atacar sua saúde. Mas Jó permanece fiel ao seu Deus. A segunda parte do livro (Jó 3,1-42,6) mostra outra imagem de Jó. Este personagem é especificado como alguém que está impaciente com Deus e suas ações. Na terceira e última parte apresenta a Jó, prosperidade, boa saúde e vida longa. Em outras palavras, o livro de Jó traz em crítica a ideologia do Estado teocrático do povo de Israel e igualmente criticando o que é chamado de teologia retributiva.

1. O Título e Autor

O Título do livro de Jó não nos diz o nome do autor ou autores. o livro nos mostra o espírito profundamente religioso e moral do autor, capaz de reflexão de grande finura psicológica, com simpatia para com os infelizes. Muitos traços do escrito nos fazem pensar que o seu autor era um erudito. Ele usa a imaginativa palestinese, reminiscências de caráter assírio-babilônico, fenício ou egípcio. Esses elementos nos autorizam a considerar o autor do livro de Jó como um escritor de cultura vasta.

A figura de Jó era conhecida na tradição Judaica. O profeta Ezequiel cita Jó justamente com Daniel e Noé. Eles foram considerados exemplos de homens justos do passado. O Livro de Jó recebe o título do seu personagem central que é Jó. Sobre o tempo e o lugar da origem, não pode ser determinado exatamente[1].

[1] J. E. Martins. Terra, « a composição dramática do livro de Jó », Revista de cultura bíblica 2002 n. 103/104, cord J. E.Martins. Terra in Estudo sobre o livro de Jó, Loyola, São Paulo

ANÁLISE LITERÁRIA

2. Gênero Literário

O Livro de Jó é fundamentalmente um escrito didático. A ilusão de Ezequiel 14,14.20 visa a um sábio proverbio. Jó nos é apresentado como um estranho ao povo. Muitos autores pensam que esse poema teria raízes no solo Idumeu. Esse livro é um escrito de sabedoria. Ele se aparenta pela sua forma literária com gêneros muitos diversos, como uma espécie drama por causa da expressão dos sentimentos e a ousadia das imagens e a utilização do maravilhoso o alçam ao nível do lirismo e epopeia .

ANÁLISE LITERÁRIA

3. Redação

O vocabulário e os estilos literários usados mostram que o livro tem várias camadas redacionais :

- A primeira camada é antiquíssima e consiste no conto Folclórico que corresponde às partes em prosa, Jó 1 – 2 e 42,7-17. É possível que a figura de satã tenha sido inserida mais tarde para evitar que a tentação fosse atribuída diretamente a Javé.
- A segunda camada pode datar-se entre os séculos V e IV a.C. Essa camada compreende grande parte dos poemas inseridos entre as partes em prosa; discursos entre Jó e seus amigos e a intervenção de Deus.
- A terceira camada consiste nas passagens com mitos sobre a origem do mundo
- A quarta camada é o discurso de Eliú, introduzido no texto por volta do século IV a.C.
- A quinta camada é o elogio da sabedoria no capítulo 28, acrescentado entre século IV e III a. C, Contemporânea à compilação dos escritos sapienciais.

4. A Estrutura

O livro tem capítulos em prosa. O prólogo (Jó 1 -2) e o epílogo (Jó 42,7-17). Os dois capítulos descrevem a vida feliz e cheia de riquezas de Jó. O corpo do Livro (3, 1-42,6) é formado de poemas. Ele reúne discursos e longos monólogos entre Jó e os três amigos, Elifaz, Baldad e Sofar que vão visitá-lo, um discurso de Eliú, as respostas de Jó, um hino a sabedoria e a manifestação de Deus .

O Livro de Jó pode ser dividido de maneira seguinte:

Prólogo: 1 – 2

Lamentação de Jó: 3

Primeiro Ciclo de diálogo: 4 – 14

Segundo ciclo de diálogo: 15 – 21

Terceiro ciclo de diálogo: 22 – 27

Elogio a sabedoria: 28

Discursos de Jó: 29 – 31

Discursos de Eliú: 32 – 37

Discursos de Deus e resposta de Jó: 38 – 42,6

Epílogo: 42,7-16.

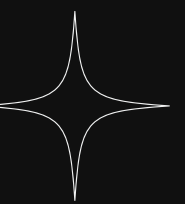
MENSAGEM



O livro de Jó pode ser considerado o protótipo da “literatura sapiencial”. É um livro de ficção histórica sobre o ser humano, seus problemas e desafios. Não é um livro da paciência da personagem central, Jó. Por mais que fale sobre o mal, não tem como objetivo explicar o sofrimento humano nem resolver o problema do mal. É um livro que questiona a imagem que se tinha de Deus e da teologia da época, sobretudo, a chamada teologia da retribuição.

A possível datação da redação final do livro é situada após o exílio, mais provavelmente em torno de 400 AC. A introdução do livro (1-2) e a conclusão (42,7-17) são bem mais antigas. Os autores da redação final provavelmente fazem parte do grupo de resistência contra as propostas de Neemias e Esdras.

O gênero literário do livro de Jó parece ser único na Bíblia. A forma de diálogo, muito comum na filosofia clássica dos gregos, parece ter surgido antigamente na Mesopotâmia e no vale do Nilo. Documentos antigos, bem antes do surgimento de Israel, tratam do problema do mal, do justo sofrimento e da justiça divina. Esses documentos provavelmente foram importantes para a redação do livro de Jó.



MENSAGEM

A mensagem específica ganha transparência na atitude dos justos da terra (seus amigos) que procuram convencer a Jó que todo o sofrimento é produto do pecado, e toda a benção é consequência retributiva de Deus em relação a ação do homem. Entretanto, Jó não aceita isso, pois sabe que sempre foi justo e reto (1,1b). Sua dor é fruto da injustiça, e ceder a essas acusações é o mesmo que acreditar num Deus violento.

Apesar dessa postura, o sofrimento o persegue como um peso que não termina. Jó, o homem do sofrimento, representa a humanidade inteira mergulhada na dor. Sobre ele recai toda a dor humana em todas as dimensões: material, afetiva, física, social e existencial.

O sofrimento leva o pobre Jó a ter uma nova experiência de fé diferente daquela apresentada pelos seus interlocutores. YHWH lhe revela um rosto novo, de quem cuida dos pobres, contrário ao da doutrina da retribuição, que vê a pobreza e a doença como um castigo oriundo do pecado. “A massa dos pobres padece em situações desumanas claramente imerecidas. Nada pode justificar que um ser humano careça do necessário para viver com dignidade e com seus direitos elementares respeitados”.

ATUALIZAÇÃO

O presente texto procura fazer uma análise do livro de Jó, tendo como base uma espiritualidade libertadora, ou seja, uma espiritualidade que parta da vida e das situações reais das pessoas que conscientes, buscam libertar-se. A conhecida espiritualidade do Templo de Jerusalém não dá respostas a vida real do povo. O livro de Jó procura libertar-se das ideias que prendem a uma teologia opressora e de um Deus castigador que abençoa a uns e amaldiçoa a outros.

[1] Luiz José Dietrich, o grito de Jó, Paulinas p. 93





ATUALIZAÇÃO

O contexto em que o livro de Jó foi escrito, era durante o período do governo persa sobre Judá, e o tempo da Teocracia, onde se escravizava muito e se difundia uma teologia opressora chamada de Teologia da Retribuição que propagava e legitimava a lei do puro, pessoas ricas e bem sucedidas. Por outro lado, encontram-se os impuros, os pobres, doentes e camponeses sem terra e sem condições de se sustentar.

Jó não aceita esse sistema opressor e por isso usa de ironia para denunciar esse modelo de teologia opressora, como também, a imagem de um Deus castigador, e vingador. Jó entra em confronto com esse Deus, e também denuncia que os verdadeiros pecadores estão nos palácios, explorando o povo pobre e fazem suas riquezas em cima do trabalho dos outros.

Quem é Jó dentro do texto? Ele é um homem que se encontra pobre, que perdeu ou foi-lhe tirado tudo o que tinha. O livro de Jó surge dentro da crise agrária já denunciada por Neemias 5,1-15. Os judeus do tempo de Jó enfrentavam os mesmos problemas: perda das terras, das vinhas e inclusive dos filhos, entregues como escravos. No fundo, o texto defende que Jó era um desses camponeses injustiçados.



Diante de toda essa situação miserável, segundo Dietrich, surge o grito de Jó pedindo por justiça. Era impossível crer em um Deus que aceitasse a miséria do povo. O livro de Jó pode mostrar a realidade do pobre e as circunstâncias do povo ao seu redor, isso é fruto da injustiça dos poderosos, deste modo vai negar que sua pobreza é resultado do seu pecado. Jó se revolta com Deus que aqui representa a teocracia opressora e propõe que se passe a uma espiritualidade diferente, um Deus diferente, com uma imagem próxima do povo, que auxilie o povo no processo de sua libertação. Um Deus que não seja autoritário, mas que esteja a caminho. O grito de Jó é um grito que pretende que os homens passem a ser pessoas também dentro daquele sistema teocrático, e assim possam buscar sua libertação, atuar como sujeitos de sua própria vida.

Esse Deus que ouve Jó e o responde, quebra a espiritualidade oficial e abre para uma nova espiritualidade pautada na relação de respeito e justiça. Ao apresentarem-se diante de Deus como sujeitos reivindicando por um Deus mais justo, os pobres estão ao mesmo tempo apresentando-se na sociedade como sujeitos.

Finalizando o texto, o autor faz uma comparação entre Jó e nós, sujeitos transformadores da história atual e da teologia que pregamos às pessoas. A leitura do livro de Jó pode nos proporcionar uma maior reflexão sobre qual prática pastoral e espiritualidade nos identificamos, se é uma espiritualidade a partir da vida real e concreta das pessoas, ou uma espiritualidade desintegrada com a vida real. Construir uma teologia capaz de dar respostas à vida das pessoas e construir uma espiritualidade conforme ou semelhante àquela defendida por Jó.

ATUALIZAÇÃO

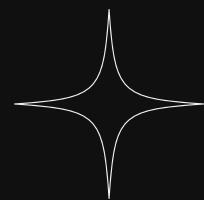
Um homem que chama Deus ao tribunal para provar sua inocência é meio irreverente. Porém, o que está por trás da denúncia de Jó, é um sistema teocrático explorador, que em nome de uma ordem social prega a obediência cega a lei, um Deus perverso e castigador. Jó propõe uma visão da religião, da espiritualidade e de Deus totalmente diferente que os teocratas . Ele propõe uma religião que esteja ao lado dos pobres, uma espiritualidade libertadora para pessoas, comprometidas, e um Deus presente e atento as necessidades dos mais sofredores. “Chegar a falar com Deus face a face” (Jó 42,5).

[1] Ludger Schwienhorst- Schonberger, um caminho através do sofrimento, Paulinas p. 54

[1] Luiz Alexandre Solano Rossi, A ORIGEM DO SOFRIMENTO DO POBRE, teologia e antiteologia no livro de Jó Paulus p. 14

A lei do puro e do impuro e de um Deus todo-poderoso e castigador ainda se faz presente nos dias atuais, principalmente no meio de movimentos pentecostais; pregando a teologia da retribuição \ prosperidade, nesse tipo de teologia, Deus determina os que serão ricos e pobres, é justamente a ideia e a imagem de Deus que Jó rejeitou.

Em nossas pastorais podemos construir uma espiritualidade libertadora, uma teologia integrada com a vida real, mostrar uma imagem de um Deus amoroso, Pai misericordioso, próximo das pessoas, assim como nos apresentou Jesus Cristo, que soube como ninguém integrar a vida de fé e a vida prática, entender que Deus é Amor (cf. 1 Jo 4,8).



BIBLIOGRAFIA

LUDGER SCHWIENHORST- SCHONBERGER, um caminho através do sofrimento, Paulinas p. 54.

LUIZ ALEXANDRE SOLANO ROSSI, A ORIGEM DO SOFRIMENTO DO POBRE, TEOLOGIA E ANTITEOLOGIA NO LIVRO DE JÓ PAULUS P. 14.

Luiz José Dietrich, o grito de Jó, Paulinas p. 93.

E. Martins. Terra, « a composição dramática do livro de Jó », Revista de cultura bíblica 2002 n. 103/104, cord J. E.Martins. Terra in Estudo sobre o livro de Jó, Loyola, São Paulo .

SILVA, J., Job III: História da Interpretação, In: Longman, Tremper; Enns, Pedro. Dicionário do Antigo Testamento: Sabedoria, Poesia e Escritos., EUA, Imprensa InterVarsity, 2008, p.459.

Bullock, C. Hassell, Uma Introdução aos Livros Poéticos do Antigo Testamento, EUA, Editora Moody, pág. 32.

<https://www.paulus.com.br/portal/livros-sapienciais-2-jo-1/18/05/2018>.

Nova Bíblia Pastoral, Paulus, São Paulo 2014.





OBRIGADO!



O G R I T O D O I N O C E N T E

